

SIMPÓSIO TEMÁTICO 12

Cultura Política e Narrativas de Violência no Ocidente

João Paulo Rodrigues
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Leandro Duarte Rust
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Quase simultaneamente, os estudos históricos sobre a política e a violência ganharam novo fôlego. Tendo desembaraçado a reputação de tais temas como novos de fenômenos sociais meramente acidentais, eventuais, os anos 1980 acolheram outra atitude, uma que calou fundo à mente historiadora: não se pode subestimar a complexidade da política e da violência como experiências coletivas. Onde quer que estejam, como quer que estejam, esses dois nomes implicam muito da trajetória das sociedades no tempo: as formas de dominação e os papéis das instituições; os repertórios de lutas sociais e os limites da hegemonia; a imbricação entre imaginário, direito e controle; as fronteiras entre privilégio e marginalização tanto quanto entre religião e poder; as tensões entre o imprevisto e a reprodução do cotidiano. Contudo, um dos aspectos mais marcantes deste renovado interesse histórico consiste na percepção da dimensão cultural das relações políticas e violentas. Como demonstraram autores como Richard Horsley e Jean-François Sirinelli, a vivência coletiva do exercício da autoridade ou do poder militar não é autoexplicativa. A maneira como os grupos sociais percebem e agem a respeito dos efeitos da palavra autorizada e da lâmina ensanguentada sobre seus destinos não é, por assim dizer, uma “coisa em si”: ela é fato tanto quanto valor; é acontecimento na exata medida em que é avaliação. Noutras palavras, a narrativa e a memória constituem nossas experiências acerca do poder e da força, modelam o que apreendemos e vivemos como sendo sua natureza crua, sua realidade palpável. A proposta deste Simpósio Temático decorre da busca por explorar, cientificamente, essa dimensão cultural da história ocidental, reunindo pesquisadores e pesquisadoras mobilizados

pelo debate e pela crítica a respeito da desconcertante capacidade humana de viver os tempos da política e os tempos da violência.

Nesse bojo, o campo específico dos estudos sobre a escravidão no Brasil, assim como outras tantas áreas do saber histórico, foi profundamente afetado, de modo que nos últimos 40 anos, seja possível verificar um crescimento vertiginoso de trabalhos elaborados sob influência da História Cultural. Autores como João José Reis, Robert Slenes, Sidney Chalhoub, Hebe Mattos, Mary Karasch, Kátia Mattoso, entre outros, são emblemáticos nesse sentido, pois além de explorarem documentações variadas sobre a escravidão, buscam compreender a escravidão do ponto de vista dos grupos de escravizados ou indivíduos, desde capoeiristas cativos/alforriados a escravizados grevistas; desde famílias formadas por escravizados sob lógicas africanas a quilombos constituídos a partir de contatos interétnicos de cativos fugidos de procedência africana com povos indígenas.

A presente proposta, portanto, visa possibilitar espaço para trabalhos que abordem temáticas relativas ao período escravista no Brasil, e que se beneficiem direta ou indiretamente da História Cultural produzida desde finais dos anos 1960.